

A photograph showing a group of children and an adult walking away from the camera on a red dirt road. On the left, an adult woman in a pink shirt and patterned pants is talking to a boy in a black shirt. In the center, a boy in a red shirt is holding the hand of a boy in a light blue shirt who is riding a bicycle. On the right, three girls are holding hands and walking together. The road is flanked by tall, thin trees on the left and dense green foliage on the right. The sky is overcast.

MILENA MORAES MOREIRA

**CORPOS LÚDICOS DE CRIANÇAS DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO CUPUAÇU, BARCARENA (PA)**

**ABAETETUBA/PA
2025**

MILENA MORAES MOREIRA

**CORPOS LÚDICOS DE CRIANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DO CUPUAÇU, BARCARENA (PA)**

Trabalho de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Pedagogia, pela universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Pojo

**ABAETETUBA- PA
2025**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

M827c Moraes Moreira, Milena.
Corpos lúdicos de crianças da comunidade quilombola do
Cupuaçu, Barcarena (PA) / Milena Moares Moreira. — 2025.
56 f. : il.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia,
Abaetetuba, 2025.

1. Crianças, Quilombola e Corpos Lúdicos. I. Título.

CDD 370

MILENA MORAES MOREIRA

**CORPOS LÚDICOS DE CRIANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DO CUPUAÇU, BARCARENA (PA)**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutoungue - Orientadora
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Profa. Dra. Vivian da Silva Lobato - Membro
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Msc. Maria de Jesus Ferreira- Membro
SEMEC (Abaetetuba- PA)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a Deus pelo apoio recebido e pela força para superar desafios e momentos de desânimo, ao longo dessa trajetória acadêmica.

Agradeço aos meus pais, senhor Manoel e senhora Rosa, que, mesmo diante de condições adversas, optaram por se mudar para outra cidade, proporcionando-me a oportunidade de prosseguir com os estudos. Reconheço e valorizo todo o apoio recebido ao longo desses anos, sentindo-me profundamente grata e privilegiada por tê-los em minha vida.

Expresso também minha gratidão ao meu companheiro, que esteve presente durante esse processo, oferecendo apoio incondicional, paciência e compreensão, sempre buscando enxergar os aspectos positivos dessa trajetória acadêmica.

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos à minha orientadora, Dra. Eliana Pojo, pela colaboração e apoio nesta jornada acadêmica. Sou grata pelos conhecimentos compartilhados, que têm contribuído significativamente para minha formação profissional.

Registro também meu agradecimento aos pais das crianças que autorizaram a realização desta pesquisa com elas. Especialmente minha gratidão a cada criança bem como à moradora que forneceu informações relevantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos meus irmãos pelo constante incentivo ao longo dos anos e, em especial, à minha irmã Maeli, que acompanhou de perto minha rotina diária e sempre procurou facilitar outros aspectos do cotidiano, demonstrando contínuo apoio durante esse período.

Agradeço aos meus colegas de turma e a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a conclusão deste estudo.

Obrigado, meu Deus! Toda honra e glória!

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Crianças brincando de futebol.....	11
Imagem 2- Criança descansando seu corpo.....	14
Imagem 3- A rua pelo olhar da Lana.....	15
Imagem 4- A rua por Kaleb.....	15
Imagem 5- A rua e o Henrique.....	15
Imagem 6- Caminho da Leandra.....	15
Imagem 7- O retiro no olhar de Thalita.....	16
Imagem 8 O quintal da Maria.....	16
Imagens 9 e 10- Queimada de 4-	20
Imagem 11- Imagem do quilombo via satélite.....	22
Imagem 12- Igarapé do Cupuaçu.....	23
Imagens 13 e 14- A entrada do ramal	24
Imagem 15- Liderança do quilombo do Cupuaçu.....	25
Imagens 16 e 17 - Muro de entrada do quilombo	26
Imagem 18- Crianças em roda de conversa.....	29
Imagem 19- Retiro de farinha.....	30
Imagens 20 a 23- Momentos de corpos lúdicos.....	32
Imagem 24- Meninos e meninas caminhando no ramal.....	33
Imagens 25 a 28- Corpos Lúdicos no ramal	34
Imagem 29- Corpos brincando de corrida de bike.....	35
Imagem 30- Crianças no ingazeiro.....	38
Imagens 31 e 32- Crianças brincando de pira pega e queimada	38
Imagens 33 a 35- Crianças brincando de manchete	40
Imagens 36 a 43- Retrato dos corpos lúdicos brincantes.....	42
Imagens 44 a 47- Crianças descascando mandioca com adultos	45
Imagem 48- Interação vivenciadas através da brincadeira.....	46

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1 - Desenho sobre o ramal.....	13
Desenhos 2 a 5 - O ramal na percepção das crianças	32
Desenho 6 a 9 - Brincadeira preferida das crianças	38

RESUMO

Este estudo trata de corpos lúdicos de crianças que vivem no ramal Bom Jesus, comunidade quilombola do Cupuaçu/Vila dos Cabanos, município de Barcarena (Pará), tendo como objetivo analisar a constituição do corpo lúdico como possibilidade de bem viver e da formação identitária das crianças. Assim, são apresentadas suas práticas corpórea-lúdicas, buscando identificar potenciais conexões e experiências entre elas e o contexto quilombola. Tratou de uma investigação bibliográfica e pesquisa de campo com crianças, em que foram utilizados referenciais como autores: Alves (2002); Acosta (2016); Acevedo (2009), Castro (2005) Bordieu (2008) e Florestan (2002), que discutem sobre corpos, corpos lúdicos, quilombola, identidade e pertencimento. O trabalho de campo envolveu observações, entrevistas, registros fotográficos e desenhos. Como parte dos resultados, podemos dizer que presenciamos brincar e ludicidade em direção do fortalecimento de laços comunitários e da identidade cultural da infância vivida, e desse modo seus corpos lúdicos são instantes de alegria, prazer e ócio, são construções de memórias infantis, isso porque nesses instantes vivem plenamente como sujeitos em liberdade e ativos. Seus corpos se encontram e fazem momentos de bem viver e de construção identitária, em conexão com o território do ramal Bom Jesus.

Palavras- Chave: Criança. Quilombola. Corpos lúdicos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
Sobre o processo investigativo.....	11
Sobre as crianças e a ética da pesquisa.....	17
A colheita de dados e o caderno de campo.....	19
CAPÍTULO I - O TERRITÓRIO E O COTIDIANO QUILOMBOLA DO CUPUAÇU.....	21
1.1 Corpos e Corpos Lúdicos.....	27
1.2 Corpos Lúdicos.....	31
CAPÍTULO II - APRENDENDO BEM VIVER E DO PROCESSO IDENTITÁRIO POR BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES.....	37
CONSIDERAÇÕES INCONCLUSAS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

O estudo realizado com crianças do Ramal Bom Jesus, comunidade quilombola do Cupuaçu, município de Barcarena/PA, é resultado deste Trabalho de Curso (TC), intitulado “Corpos lúdicos de crianças da comunidade quilombola do Cupuaçu/Vila dos Cabanos, Barcarena/ PA”. Traz como reflexão o tripé corpo lúdico, bem viver e formação identitária quilombola, cujo objetivo geral foi analisar a constituição do corpo lúdico como possibilidade de bem viver bem como da formação identitária pelas crianças da Comunidade quilombola do Cupuaçu/ Vila dos Cabanos, município de Barcarena, Pará. E como objetivos específicos: apresentar as práticas corpórea-lúdicas das crianças, visando a captação de possíveis conexões e experiências entre as crianças e o contexto quilombola e compreender o corpo lúdico na perspectiva do bem viver e da formação identitária das crianças dessa comunidade.

Assim, as questões da pesquisa foram: Que corpo lúdico está presente no Ramal Bom Jesus? Que formação identitária pode caracterizar com base nessas práticas sociais? Quais práticas corpórea-lúdicas das crianças? O que dizer das conexões e vivências entre as crianças e o contexto quilombola?

No sentido dos corpos e suas formas de expressão, concordamos com Alves (2002) na afirmação de que o corpo é uma estância do brincar, um criador de sentidos e significados, principalmente durante o período da infância. Segundo esta autora (2022, p. 13) o corpo “[...] goza da liberdade de ser o que se é, no seu tempo histórico, em inteireza consigo mesmo, nas interações com os objetos, com outros seres vivos e humanos”. Dessa forma, para a autora, no processo de viver e existir, o corpo ocupa lugar primordial, pois é por meio dele que nos comunicamos e nos expressamos.

Esse corpo explora o espaço, estabelece relações sociais, individuais e de bem viver. Bem viver que segundo Acosta (2016), e baseando-se em tradições indígenas, os sujeitos vivem interligados com a natureza e valorizam a coletividade, o que sob uma vertente prática, esta investigação se debruça, isto é, busca olhar o corpo de crianças quilombolas que vivem no Ramal Bom Jesus, certamente encontra-se também em conexão com a natureza e com o todo do bioma Amazônia.

Assim, a referência de construção de um corpo lúdico em território quilombola, passa pela constituição identitária experienciada em estreita conexão com ele por meio dos costumes e tradições, das relações intergeracionais e de trabalho, de brincadeiras e produções infantis de diferentes formas. Passa também pela circulação e transmissão de saberes, aspecto que Castro (2005) menciona sobre esse grupo étnico. Foi o caso de uma das observações, a do dia 13/02,

em que as crianças participavam olhando e ajudando a descansar mandioca para fazer a farinha, sendo uma atividade que para as crianças se torna um momento de descontração, e ao mesmo tempo, estão em contato com saberes partilhados e relações geracionais.

O mundo infantil no território se apresenta com um universo simbólico produzido e em devir pelas crianças, ou seja, é culturalmente construído. Segundo Florestan (2000), no universo da criança ela constitui-se produtora de cultura, porque é capaz de protagonizar ações, inventar brincadeiras e transmitir o que sabe entre outras dimensões coletivas de viver e perceber o mundo. É capaz de estabelecer relações contextuais, geográficas, territoriais, dentro de uma lógica de mundo infantil próprio. Sob esta lógica, o corpo infantil por natureza procura o bem viver de forma autônoma e desejosa de viver sua infância, mediada pela construção de sua identidade, no caso como pertencente e sujeito quilombola.

Pelo agir, fazer e pensar da criança, o território quilombola Ramal Bom Jesus também é espaço de cultura corporal¹ em nexos com a recreação, com vivências interativas e com brincadeiras como de peteca, cinco pedras, corrida de bicicleta, queimada, futebol. Tais experiências lúdicas, brincantes, recreativas, corpóreas no nosso entendimento dizem de uma corporeidade afro-amazônida porque estão laçadas por costumes, ritmos amazônicos, convivências coletivas e com a natureza, com brincadeiras atuais e antigas, e dessa forma sedimentam um tipo de bem viver e de processo identitário como já dito.

Participaram desta pesquisa, dez crianças e contou com a própria relação da autora com as crianças porque também mora no território. E, embora bastante familiarizada com elas e o cotidiano da comunidade, enquanto investigação houve necessidade de compreender melhor sobre corpos em feições brincantes, lúdicas, relacionais. Foi priorizado então, semelhante ao que Bastide (2000 *apud* Florestan, 2000, p. 230) descreve em, “As Trocinhas do Bom Retiro”, entender o universo da criança. Foi preciso tornar-se criança no sentido de que “[...] não basta observar a criança [...] é preciso penetrar além do círculo mágico que dela nos separamos [...] é preciso viver o brinquedo”. Por isso, uma das opções foi na pesquisa, deixar-me levar pelas crianças e suas aventuras, perpassando por suas formas brincar e brincar com elas. Interagir com elas no seu tempo e espaço conforme iam nos dizendo/mostrando.

Ademais, houve o envolver-se com elas na comunidade, sem contar no respeito ao seu tempo e espaço. Prescindiu adentrar no universo de seus corpos em ação, no sentido de as crianças terem liberdade de conduzir suas vivências, experiências quando se refere a escolha e

¹ Segundo Alves (2002, p. 24), “o espaço ganha significado em sua relação singular com seus sujeitos. Por isso, ele também é cultural”.

preferência de brincadeiras, interações e distintas formas lúdicas. A fotografia 1 mostra um momento espontâneo e descontraído, com crianças brincando em frente à minha casa.

Imagem 1: Crianças brincando de futebol **Fonte:** Milena Moreira, 2025



Tratava-se de um momento do jogo de futebol, uma das brincadeiras mais comuns das crianças.

Durante o brincar, estivemos atentas as relações infantis, ao brincar espontâneo e livre, e dessa forma a temática foi sendo analisada a partir dos corpos em práticas das crianças que circulavam/circulam diariamente na frente da minha casa, derivando o meu interesse em conhecer um pouco mais desse universo infantil.

O estudo acentua como importante, devido abordar o cotidiano de crianças quilombolas, ainda com poucos estudos e menos ainda sobre seus corpos, em relações que perpassam bem viver e identidade quilombola. Desta forma, a pesquisa permeou o cotidiano da comunidade e os corpos em brincadeiras e interações das crianças, momentos de corpos em espontaneidade, peraltices, relações de afeto e de conflito também, revelando a riqueza do cotidiano e de como se manifesta o corpo lúdico.

Sobre o processo investigativo

No aspecto metodológico da pesquisa na comunidade e com as crianças, enveredou por procedimentos de observação e de apreensão de gestos e expressões corporais das crianças, filtrado por aspectos socioculturais. Assim, o estudo abrangeu pesquisa bibliográfica e de campo.

Inicialmente, partimos da construção temática com as pesquisas de Alves (2002), que aborda o corpo lúdico de indígenas Maxakali²; Bourdieu (2007) sobre aspectos do corpo; Acosta (2016) tratando do bem viver; Acevedo e Castro (2009 e 2005), que asseveram sobre territórios e sujeitos quilombolas, resistência pertencimento desse grupo étnico; Florestan (2000), em seu enfoque acerca da formação infantil. Tais referenciais bibliográficos foram importantes para pensar e olhar a temática de forma mais ampla e com diálogo teoria e prática, embora carecendo de um maior aprofundamento e discussão na presente reflexão sobre corpos em ludicidade em território quilombola.

Em termos empíricos, lemos Magnani (1998) que afirma a pesquisa de campo priorizando a observação participante, com valor às práticas e os relatos dos participantes, e sempre levando em conta o cotidiano. Nesse sentido, a observação seguiu um roteiro, focado nos objetivos da investigação que focava nas manifestações dos corpos lúdicos, sendo basicamente seis meses de observação pontualmente, somado ao tempo das entrevistas e da contínua presença da autora, porque, como dito, mora no território e observa diariamente a movimentação das crianças. Ademais, a observação envolveu conversas informais e registros sob a forma de fotografias e de desenhos, sendo percebido um cotidiano de interações em coletivos formados pelas próprias crianças, as quais na maior parte do tempo envolviam-se em conversas e brincadeiras, dentro de uma dinâmica de espontaneidade.

Tais pressupostos embasaram o trabalho de campo, ocorrido entre outubro de 2024 a abril de 2025, o qual esteve coadunado a rotina da comunidade e, em especial, das crianças que se apresentava assim: no período da manhã e no intermediário, a maioria delas estavam na escola. Por essa razão, não se observa a frequência delas brincando entre 07:00 e 14:00 horas em movimentação no ramal, sendo mais das 15:00 horas em diante.

Vale ressaltar que a área de abrangência do estudo compreendeu o Ramal Bom Jesus, com foco nos quintais e na parte frontal da minha residência, estendendo-se até as proximidades das residências e ruas onde moram algumas crianças, locais de puro entretenimento como as corridas de bicicleta como demonstração corporal de astúcia e liberdade, porque nesse momento elas pedalam de forma frenética no desejo de cruzar a linha de chegada em primeiro. Linha esta que está apenas na imaginação delas, mas que sabem o local da parada. Pude perceber, durante essa corrida corpos ofegantes e suados pela intensidade com que a realizavam, corpos em

² Os Maxakali formam um povo indígena do nordeste de Minas Gerais, em cidades como Bertópolis, Santa Helena, Ladainha e Teófilo Otoni. A cultura deles têm ganhado destaque no cinema, fotografia e pesquisa. Segundo Alves, a primeira menção aos Maxakali foi feita em 1734, em uma carta de João de Silva Guimarães.

esforço físico conduzido pelos pés no pedal, corpos com rostos em sorrisos estampados e em gritos de alegria e prazer, evidenciando o entusiasmo e o lúdico presente nessa brincadeira.

A observação como dito, o cotidiano das crianças, em suas interações e brincadeiras, a expressão dos corpos. Dessa forma, os encontros entre a pesquisadora e as crianças ocorreram, em sua maioria, diariamente e ao entardecer, em que havia grupos formados e na frente da residência onde moro, pois é costume elas estarem nos fins de tarde em grupos brincando, conversando, transitando. Cujos corpos se apresentavam descontraídos e ativos, com expressões serenas e calmas, a transmitir tranquilidade naquele momento vivido.

Ainda, no ramal as atividades de observação e produção com as crianças deram-se na área em frente da minha residência, até porque da janela do meu quarto eu podia apreciar o prazer dos corpos das crianças e suas interações cotidianas.

Quando eles estavam na rua de casa, como já mencionei, eles me convidavam para ir ficar junto delas. Além desses momentos, as observações ocorreram na igreja ou no quintal ao lado de casa.

As entrevistas semiestruturadas, aconteceram de modo breve e de forma objetiva com as crianças e alguns adultos, sempre atentando para a espontaneidade e o que gostariam de nos dizer. Com as crianças, houve momentos que elas durante a conversa convidavam outras crianças para brincar, pela própria aproximação com a pesquisadora e a informalidade do processo, ou seja, misturam a descontração e o desejo de brincar com o meu olhar investigativo que sabiam que estava também acontecendo. Aconteceu de, após a entrevista partirem para brincar assim como de crianças que brincavam enquanto respondiam ou desenhavam. Houve criança que ao invés de falar, escolheu escrever suas respostas no papel, desenhando-as. E sempre que surgiam dúvidas elas/eles solicitavam esclarecimentos, havendo diálogo. E assim, conseguimos, tranquilamente, dialogar com elas.

Foram entrevistas realizadas de modo individual e em grupo. A entrevista para Magnani (2002, p. 17) “[...] constitui-se em recurso importante para captar as representações e interpretações dos atores sociais sobre suas práticas e espaço”. Assim possibilita a reconstrução de trajetórias, captação de representações e práticas, além da identificação de critérios de pertencimento, assim sua realização serviu para compreender melhor as práticas das crianças e a forma como percebem o espaço em que estão inseridas.

Por vezes, também, se fez momentos de roda de conversa como um ambiente de escuta e partilha, até porque devido à proximidade e a continuidade dos encontros elas estiveram mais à vontade e querendo contar de suas traquinagens infantis. O diálogo na roda de conversa foi

simples, leve e dinâmico, respeitando o tempo e o jeito dos corpos dos participantes. As entrevistas foram tecidas em meio a risos, troca de conversas entre eles e como a pesquisadora, sem contar que as perguntas e a pessoa adulta eram familiares para elas, o que as deixava à vontade e com a opção pelo desenho ou a escrita. Esse momento se encerrava com o compartilhamento entre todos dos desenhos e demais produções.

Algo interessante nesse caminho da pesquisa com as crianças e não sobre elas, foi que durante as algumas atividades lúdicas, recreativas ou brincantes que aconteciam na frente de casa, tais sujeitos passaram a me chamar e diziam que eu podia fotografar suas brincadeiras ou simplesmente ficar observando-as. Essa abertura e participação das crianças remete ao que Magnani (2000), assevera como sendo a construção de uma relação de confiança e presença, sem imposição sobre algo ou alguém, ou ainda uma postura distante ou neutra.

Elas, em frente de casa costumam pedir água para beber após um tempo movimentando seus corpos com as diversas maneiras de se divertir, brincar, conversar, se movimentar nas tardes, ou até quando estão vindo da escola. No brincar, percebi elas com seus rostos corados do sol, suados ou sujos de lama, também essas mesmas crianças apanham frutas no quintal da vizinha, e embaraçam seus corpos no galho da árvore ou descansando no chão.

Esses gestos e expressões corporais revelam um corpo que se comunica com o mundo por meio do brincar, conforme salienta Alves (2002), com a afirmação que o corpo da criança é um corpo sensível e brincante. Tal vivência pode ser observada na fotografia 2, de uma criança experienciando o território.

Imagem 2: Criança descansando seu corpo. **Fonte:** Milena Moreira, 2025.



Essa fotografia foi feita durante mais um momento na natureza do lugar, onde a criança que estava brincando com a bola, cansou e se sentou no chão para descansar um pouquinho

durante a brincadeira, e isso transmite a simplicidade e sua relação com o território. Trouxemos esse contexto para falar do uso da fotografia no trabalho, o que para Burke (2006), a fotografia é o reflexo de uma realidade, mas também é a construção da memória, que vivencia, emoldura e eterniza um momento.

O registro deu-se no dia 13/03, durante a atividade de fotografar espaços que elas mais gostam no lugar.

Imagem 3: A rua por Kaleb. Fonte: Kaleb, 2025.



Imagem 4: A rua pelo olhar da Lana. Fonte: Lana, 2025.



Imagem 5: A rua por Henrique. Fonte: Henrique, 2025. **Imagem 6:** Caminho da Leandra. Fonte: Leandra, 2025



Imagem 7: O retiro no olhar de Thalita. **Fonte:** Thalita, 2025. **Imagem 8:** O quintal da Maria. **Fonte:** Maria, 2025.



Os espaços escolhidos pelas crianças retratam o contexto do território, próximo de casas, quintais, no ramal e etc. A menina Maria, escolheu fotografar a frente de sua casa, onde ela costuma brincar com amigos. Thalita fez o registro fotográfico do retiro da farinha, porque segundo ela, nesse espaço ela *gosta de comer farinha quente que a mamãe faz aqui*. São espaços sociais em que as crianças realizam suas vivências corporais e, assim vão se apropriando do território.

Outro instrumento de registro foi o desenho, que segundo Silva (2011) trata-se de uma ferramenta que reconhece os sujeitos como seres capazes de construir conhecimento por meio de manifestações simbólicas, por isso a opção pelas crianças desenharem seus corpos na brincadeira, na diversão, representando seus corpos lúdicos no território quilombola.

Também, pelo desenho as crianças manifestam seus pontos de vista e de vida associado ao espaço onde vivem e brincam, as relações que estabelecem entre crianças e com adultos

sem contar que se mistura a simbolizações de afetos e expressões corporais. Como forma de demonstrar como aconteceu durante o trabalho de campo, abaixo um desenho de criança expressando seus traços espontâneos e carregados de imaginação, representando o ramal, o lugar que habita.

Desenho 1 - O ramal. Fonte: Milena Moreira, 2025.



O desenho 1 é do ramal, representado por uma paisagem com árvores, casas e no meio da rua existem buracos. A criança que desenhou é próxima da minha família e já havia percebido que gosta de desenhar, então pedi que desenhasse esse espaço, e ao colorir disse-me que coloriu desse jeito o ramal: *porque gosto do arco-íris*.

Dessa mesma forma, os demais registros por meio de desenhos foram sendo produzidos em meio às entrevistas e em momentos de brincadeira, somado demais procedimentos mencionados e que compuseram o trabalho de campo.

Sobre as crianças e a ética de pesquisa

Como dito, a investigação deu-se com as crianças, um grupo de dez no total com as quais houve aproximação, acompanhamento e participação de suas rotinas e suas práticas corporais lúdicas em pares, sempre por meio de encontros e diálogos. Esse grupo foi sendo composto conforme elas foram se chegando, considerando os laços de convivência existente entre elas e, ainda, elas foram demonstrando interesse em participar dos momentos no espaço do ramal, mas detidamente na frente da residência da autora. Também é comum essas crianças saírem de suas casas para convidar umas às outras para brincar, e foi nesse contexto de interação cotidiana que se consolidou o grupo que integrou a pesquisa.

Todas as crianças moram na comunidade, e algumas dessas fazem parte da mesma igreja. São elas: Henrique (08 anos); Kaleb (08 anos); Lana (12 anos); Leandra (09 anos) Manoel Moraes (08 anos); Maria (08 anos); Matheus da Cruz (10 anos), Noemy Torres (08 anos); Vitoria Torres (11 anos) e Thalita da Cruz (08 anos) foram seis meninas entre 6 e 12 anos de idade e, quatro meninos, entre 8 e 10 anos de idade. A contribuição das crianças na pesquisa foi de suma relevante, pois foi com elas que conseguir chegar até aqui e com esses resultados.

Tal contribuição iniciou pelo interesse genuíno de participarem da mesma, principalmente porque perceberam que no trabalho teriam a oportunidade de brincar, de uma prática corporal lúdica, e assim foram colaborando espontaneamente conforme foram sendo convidadas a interagir com o todo. Por isso, seus corpos no jogo bola, conversando em cima de um galho de ingazeiro.

Dos adultos, participou a moradora, Thais Siqueira (29 anos), sua participação foi essencial para a compreensão da história do ramal Bom Jesus. Como moradora da comunidade, o seu relato foi fundamental para evidenciar as dificuldades enfrentadas pelos moradores no quilombo bem como nos possibilitou compreender a relação que as crianças estabelecem com o ramal por meio do corpo, como exemplo a caminhada a pé que realizam de volta da escola. E de longe, se ouve as vozes do grupo delas ecoando pelo ramal.

Na pesquisa os critérios de participação dos participantes adultos, considerou: residir na comunidade, ser ativo no cotidiano local, ter conhecimento da história local e, no caso das crianças, levamos em consideração além dos elementos mencionados morarem no ramal e já conhecerem a autora, dada a proximidade. Uma contribuição relevante para este estudo foi oferecida pela moradora Thais Siqueira, também havia sido previsto outro morador, mas infelizmente não pode participar por motivos pessoais.

Em relação à ética da pesquisa, houve atenção com o trabalho de campo procurando garantir que os participantes se sentissem à vontade e o consentimento de todos, principalmente o das crianças. Nesse sentido houve todo um cuidado com a participação delas, deixando-as à vontade e até conduzirem percursos, dinâmicas coletivas, os momentos de brincar, assim a construção dos dados foi algo com respeito as suas Trocinhas, parafraseando Florestan (2000).

Assim, as autorizações das crianças para participar da pesquisa ocorreu de modo verbal, isto é, aconteceu por meio de conversas informais, em que explicava o trabalho e se elas podiam contribuir conosco, e somente posteriormente houve a assinatura dos termos. As crianças ficavam entusiasmadas com a ideia e aceitaram a proposta. O vínculo de vizinhança e, em muitos casos, elas frequentarem minha casa contribuiu para que aceitassem participar.

As autorizações dos pais aconteceram da seguinte forma: pedi a autorização das crianças Thalita, Matheus, Leandra, Kaleb, Lana; conversei pessoalmente sobre a pesquisa e que precisava do aceite delas e das crianças para participarem. Com a Vitoria e a Noemy, bem antes de eu falar com seus pais, elas já tinham pedido para que pudessem participar, e quando conversei pelo WhatsApp para pedir autorização e explicar o trabalho, eles falaram que já estavam cientes do mesmo e autorizavam.

Quanto aos resultados teve atenção com os dados e a devolutiva na comunidade, por isso esse material já se apresenta bastante alinhado com a produção de uma cartilha a ser entregue aos moradores, em especial as crianças.

A colheita de dados³ e o caderno de campo

A colheita dos dados, envolveu as observações e demais procedimentos de pesquisa, sendo a observação continuada devido minha presença como moradora, o que facilitou o estudo no cotidiano de interações brincantes e corporais, lúdicas e expressivas. Atuar observando significou também participar fazendo perguntas, interagindo com e nas brincadeiras e conversar sobre diversos assuntos, registrar por meio de fotografias etc., em suma, fui participando de tudo e, ao mesmo tempo, estava no meio observando de perto.

Tais observações às interações, brincadeiras e movimentos corporais das crianças, em momentos lúdicos e de vivências de suas infâncias que compuseram registros do caderno de campo. Dessa forma, o caderno de campo partiu das observações e demais procedimentos de investigação, sempre com atenção as crianças e a cada fim de atividade com elas tinha o registro daquele processo nos aspectos do tempo, horário, participantes, diálogos, impressões, falas significativas, registros de imagens etc., conforme transcrito o registro do dia 24/10/2024, com as respectivas imagens feitas no dia:

Horário de início: 16h:20h. Horário de término: 18:40h.

Crianças envolvidos: Manoel, Thalita, Matheus e Calebe.

Atividade/situações vivenciadas (descrição/análise): Mais um dia de observação junto do grupo infantil no espaço rua, e nesse dia utilizavam a bola e a brincadeira foi queimada. Brincavam de modo tradicional em dois grupos, porém, as crianças fizeram alterações no decorrer do brincar, adequando a outra regra. Assim, cada um ficava com uma bola e, ao mesmo tempo, os outros, corriam para acertá-los com a bola. Eles se protegiam atrás das árvores, se jogavam no chão, corriam em todo o espaço da rua. Neste dia o brincar encerrou às 18:40h e, mais uma vez, as crianças se recusam a ir para casa porque queriam continuar ali.

Como síntese de hoje: Ressalto o quanto as crianças são seres criativos e que quando o assunto é brincar elas não costumam seguir regras pré-estabelecidas, e no âmbito do corpo elas interagem a todo momento com o ambiente. Como diz Alves (2002, p. 22)

³ O termo colheita de dados refere-se ao processo de construir os dados da pesquisa, que perpassa por informações, evidências e registros relevantes que fundamentam o foco da pesquisa (Brandão, 2007).

“O corpo infantil experimenta várias maneiras para deslocar-se no espaço, andando em todas as direções, de costas, de lado, cruzando as pernas, em ritmos variados, com passos largos e pequenos, em cima de linhas imaginárias retas e sinuosas [...]” através dessas interações corporais o ser criança vai se construindo.

Imagens 9 e 10: Queimada de 4. **Fonte:** Milena Moreira, 2024.



Desta maneira, o caderno de campo teve com função principal registrar as brincadeiras observadas, onde consta as datas, horários e os sujeitos envolvidos em cada atividade. Nele contém as entrevistas realizadas com a crianças.

Esses registros foram fundamentais para a construção deste texto, uma vez que, a partir deles, foi possível desenvolver a presente análise. Assim, o uso do caderno de campo serviu como base que sustentou teoricamente esta produção.

CAPÍTULO I

O TERRITÓRIO E O COTIDIANO QUILOMBOLA DO CUPUAÇU

O território quilombola do Cupuaçu, fica no município de Barcarena/PA precisamente no distrito da Vila dos Cabanos. O mesmo atualmente vivência lutas contemporâneas, a exemplo da climática que atualmente o mundo vive, por exemplo, a falta de Unidade Básica de Saúde e de escola, e as constantes ocorrências de invasões ao território.

Ainda, originou-se na década de 1980, com a retomada de terras que haviam sido perdidas devido a expansão da indústria na região, pois é de longa data que o território foi habitado por famílias negras descendentes e de pessoas escravizadas, sendo os primeiros habitantes, os da família Pinheiro e do Cordelino, assim discorre a doutora Rosane Maia em sua pesquisa intitulada “Territorialidades específicas em Barcarena confrontadas com projetos de ‘desenvolvimento’” (2017).

Na década de 1990, as famílias começaram a reocupar essas terras, processo que foi marcado por conflitos fundiários, ameaças e a lentidão no reconhecimento do quilombo como território quilombola, inclusive, com a ressalva dos confrontos com autoridades locais e os interesses empresariais. Nesse quadro, ocorreu a certificação do território quilombola Ramal Bom Jesus, processo este conduzido pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da UFPA, com base no estudo intitulado “Territórios Específicos dos Quilombo Indígena Sítio Cupuaçu”, pelas professoras Rosa Elizabeth Acevedo Marin e Rosane de Oliveira Martins Maia (Acevedo & Maia, 2013).

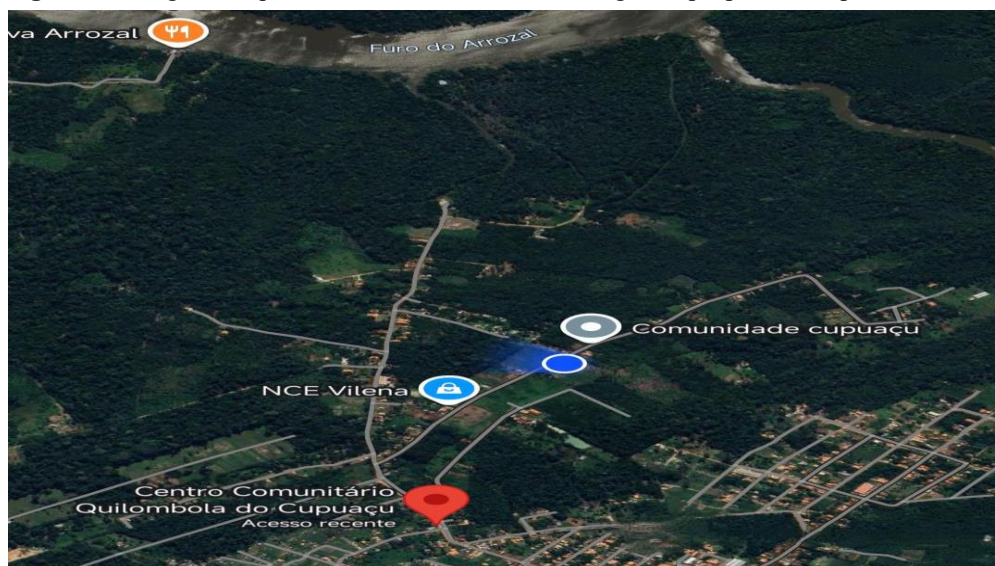
A comunidade possui uma tradição quilombola e indígena, que foi expropriada, deslocada compulsoriamente de suas terras, além disso, atestou- o modo de vida tradicional, com o usufruto da terra a partir dos plantios de bacuri, cupuaçu e açaí entre outros cultivares. Também, com a produção de farinha e por costumes e tradições familiares de gerações precedentes, sem contar no potencial de organização social, cultural e econômica. Assim, em 14 de outubro de 2016, a comunidade realizou sua autodefinição como quilombola e foi certificada como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, conforme estabelecido na portaria nº 222/2016.

O território faz extremidade com o igarapé do Cupuaçu que desemboca no rio (Furo)⁴ Arrozal. Este igarapé é utilizado como via de acesso pelos ribeirinhos residentes no rio Arrozal

⁴ Termo usado para o rio como espaço também de escoamento de produtos cultivados no território e comunidades vizinhas.

com trânsito entre a comunidade do Cupuaçu e a Vila dos Cabanos. O início do quilombo pode ser considerado no centro comunitário próximo à vila e, sua área final, no igarapé, conforma demonstrado na imagem:

Imagem 11: Imagem do quilombo via satélite. **Fonte:** Google Maps, produzido por Milena Moreira, 2025.



Quanto ao nome cupuaçu na visão das crianças, embora com pouquíssimas informações, elas assim afirmaram: *é por causa daquela fruta lá* (Noemy, 07 anos); *tia é por conta do cupuaçu* (Vitória, 11 anos); *é porque aqui tem cupuaçu e muitas árvores* (Manoel, 08 anos); *é verdade*, afirmou (Matheus, 09 anos). De fato, o nome surgiu da fruta como foi confirmado pela líder comunitária, Luciene Pinheiro, em escrita do blog “Iniciativa Barcarena Sustentável”⁵. Segundo ela, a origem do nome do quilombo está relacionada à fruta, com destaque aos moradores do rio Arrozal que costumavam amarrar suas canoas nas árvores de cupuaçuzeiros. Ou seja, tal prática influenciou a denominação Quilombo do Cupuaçu.

A seguir, a fotografia do igarapé do cupuaçu, com cupuaçuzeiros nas suas margens que ainda hoje vemos, embora em escassez. Além disso, às margens e debaixo das árvores, os moradores costumam usar os espaços como ponto de encontro, inclusive, se estendendo para o lazer e o banho, é o caso das crianças que frequentam o igarapé para tomar banho e brincar.

⁵ Blog de um projeto promovido por empresas em parceria com a sociedade civil, com ações socioambientais no município de Barcarena (PA) e, no site, contam notícias, histórias e programas sociais. No aspecto do nome do território a informação foi retirada da informação sobre “As histórias sobre o ramal do Cupuaçu” publicado em 28 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.barcarenasustentavel.org/fique-por-dentro/noticias/as-historias-sobre-o-ramal-do-cupuacu/>.

Imagem 12: Igarapé do Cupuaçu. Fonte: Milena Moreira, 2025.



No estudo, se priorizou também está junto de alguns moradores visando adentrar em aspectos históricos da organização do quilombo, nesse aspecto foi informado que a participação da família Soares foi importante no processo de abertura do ramal com esta mobilização junto de outros moradores dando-se essa abertura por conta própria, isto é, sem o apoio da prefeitura, além disso reconhecem também a ajuda divina, de Deus sendo bom com todos. Por isso, os moradores passaram a chamá-lo assim, Ramal Bom Jesus. Trata-se de um ramal que:

Tem 22 anos. A história do ramal é que no início aqui tinha somente alguns moradores (a família Soares) e não era ramal, mas uma pequena estrada sem acesso à luz e de mata fechada. E aconteceu que alguns moradores junto com família Soares se reuniram e foram até a prefeitura pedir para que eles abrissem o ramal, e como não vieram os próprios moradores se organizaram e pagaram um trator para abrir a rua, e quando abriram o ramal, o meu tio Soares deu esse nome que hoje conhecemos, Ramal Bom Jesus (Thais Siqueira, 29 anos).

Como vemos, a origem do ramal respalda um ato coletivo por moradores do quilombo à época, com destaque a família Soares conduzindo essa constituição. Para contextualizar, duas imagens da entrada do ramal Bom Jesus: à direita, observa-se uma placa de identificação confeccionada por Manoel Moreira, pai da autora deste texto; à esquerda, registra-se o acesso ao ramal, utilizado tanto por crianças quanto por adultos, e que auxilia os visitantes na localização dos espaços que integram a comunidade.

Imagens 13 e 14: A entrada do ramal. **Fonte:** Milena Moreira, 2025



Na comunidade residem um total de 41 famílias⁶. Essas famílias são constituídas por parentes ou moradores que decidiram viver no local por diversos motivos, como exemplo alguns consideram o ramal Bom Jesus um lugar tranquilo, outros virem atrás de empregos nas empresas instaladas no município e, outros ainda, para morar com familiares que residem no ramal.

A liderança da comunidade é a senhora Maria Luciene Santos Pinheiro, que é nascida e criada no quilombo. É uma pessoa reconhecida pelos moradores como liderança atuante nas questões do bem viver local, como exemplo o projeto Energia Renovável contemplou os moradores associados com placas solares. Na imagem⁷, abaixo vemos a líder comunitário dentro do centro comunitário.

⁶ Os dados foram fornecidos pelo agente comunitário de saúde (ACS) do lugar.

⁷ Imagem retirada da site: <https://fase.org.br/pt/noticias/existimos-a-resistencia-das-comunidades-em-barcarena-pa-frente-a-invisibilidade-imposta-pela-mineracao-e-o-poder-publico/>.

Imagem 15: Liderança do quilombo do Cupuaçu. **Fonte:** Joao Guimarães, 2023.



Além desse projeto, ela atualmente atua a favor das mulheres da comunidade, com o atendimento no centro comunitário e aos finais de semana de cursos, oficinas e, outras iniciativas também. Ela organizou aulas de reforço escolar para as crianças da comunidade, de forma independentemente e sem apoio de quaisquer instituições, públicas ou privadas. É uma iniciativa vista pelos moradores como importante porque auxilia na escolarização.

Em se tratando da participação ou a história da criança no processo de formação do quilombo não foi possível alcançar registros do assunto, até por conta do tempo para realizar a pesquisa de forma mais densa. Tivemos apenas informações que abordavam as lutas, o modo de vida e a constituição do território, sem menção a vida e/ou a participação das crianças, e sabemos que por séculos a criança ficou silenciada, ausente dos registros narrativos e das histórias.

Luciene relata os desafios enfrentados na comunidade, que perpassam pela ausência de segurança e ausência de medidas preventivas pelo poder público. Nesse sentido, recentemente em entrevista ao portal da Fase⁸, a liderança afirmou que o “poder público não tem adotado ações efetivas para coibir invasões, inclusive aquelas realizadas durante o dia”.

A invasão ao território ocorre quando grupos de pessoas entram em terras do território que estão sem moradias e de vasta floresta, e entram devastando a vegetação e com o intuito de adiante, vender essas áreas. Tal situação “contribuiu para o aumento dos índices de

⁸ Dados retirados da reportagem intitulada “Existimos - A resistência das comunidades em Barcarena (PA) frente a invisibilidade imposta pela mineração e o poder público”, feita pela jornalista Paula Schitene, de edição da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) em 2023, organização que atua na defesa dos direitos humanos. Disponível em: <https://fase.org.br/pt/noticias/existimos-a-resistencia-das-comunidades-em-barcarena-pa-frente-a-invisibilidade-imposta-pela-mineracao-e-o-poder-publico/>.

criminalidade no quilombo”, conforme destaca a imagem 16 e 17 de pichação no muro de entrada do quilombo.

Imagens 16 e 17: Muro de entrada do quilombo. **Fonte:** Milena Moreira, 2025⁹.



A comunidade também enfrenta dificuldades no cotidiano dos moradores, inclusive, na rotina das crianças, assim relata a moradora:

As dificuldades que a gente enfrenta no Cupuaçu são em relação as ruas, quando chove vira uma lamaceira e não tem UBS. Não temos uma boa iluminação e a noite fica perigoso andar no ramal, para a gente e para as crianças.

Em relação as crianças, aqui não tem escola para elas, elas acordam cedinho para pegar o ônibus que entra aqui para deslocarem-se até as escolas da Vila dos Cabanos, que fica um pouco longe. Ainda, não tem pracinha para elas brincarem, quando querem ir a gente leva na pracinha também nessa vila (Thais Siqueira, 29 anos).

São desafios do cotidiano do quilombo do Cupuaçu que já existe a mais de 45 anos, como a falta de escola para as crianças, evidenciando a violação de direitos, embora os moradores resistam de diversas formas.

Em geral, na comunidade todos se conhecem e, segundo moradores as pessoas convivem de forma *tranquila, eles têm criação de galinhas, plantio de milho, mandioca. Eles saem para fazer suas atividades e voltam* (Thais Siqueira, 29 anos). Enquanto na visão das crianças, o ramal é espaço também de curiosidade. *A gente conhece a comida que tem na beira do mato para poder comer* (Vitoria, 11 anos); *eu gosto de andar no ramal* (Thalita, 07 anos); *a gente tem contato com a natureza* (Leandra, 10 anos); *a gente faz coisas na terra* (Lana, 12 anos).

⁹ Imagem retirada do site: <https://fase.org.br/pt/noticias/existimos-a-resistencia-das-comunidades-em-barcarena-pa-frente-a-invisibilidade-imposta-pela-mineracao-e-o-poder-publico/>.

As crianças participam ativamente da comunidade, por meio de atividades na igreja como nos cultos e de convívio comunitário por grupos infantis promotores de brincadeiras como subir nas árvores, jogar bola, entre outras destacadas no texto.

No território, os moradores costumam se movimentar no ramal desde as primeiras horas da manhã, quando saem para o trabalho. No entanto, durante o dia diminui esse fluxo de pessoas, veículos e de crianças também, porque quem não trabalha fora fica em casa cuidando de outras tarefas.

A rotina das crianças no ramal segue um fluxo mais ou menos assim: quem estuda pela manhã, em torno de 06h, começam a saírem em direção a escola, o que se repete nos turnos escolares intermediário e de tarde. O certo é que crianças ficam no ramal a partir das 15h, horário em que saem de suas residências para brincar. De acordo com informações fornecidas por uma moradora,

O movimento do ramal é tranquilo e calmo. De manhã cedo há movimento maior porque as pessoas estão saindo para trabalhar e só retornam ao final do dia. Durante o dia as pessoas só saem para o centro urbano se precisarem comprar comida ou remédio e, às vezes, alguns pais levam as crianças a noite para passear na praça das crianças (Thais Siqueira, 29 anos).

O relato acima faz menção ao movimento dos adultos e das crianças, destacando que acontece o deslocamento de crianças para fora do quilombo, que normalmente acontece mais nas noites de domingo até à praça das crianças que fica na Vila dos Cabanos.

No cotidiano da comunidade, são vivenciadas práticas lúdicas por moradores e nos espaços da vizinhança, como quintais, campinhos e no ramal, nesse sentido a moradora explica:

Na vizinhança gostamos de nos reunir de tarde nas frentes das casas para conversar, mas também as pessoas aqui se reúnem para jogar bola, fazer festas e de ir passear no Caripi¹⁰ (Thais Siqueira, 29 anos).

Observa-se, portanto, que além do ambiente descrito como tranquilo, a residente destaca a existência de um espírito de práticas costumeiras e da vizinhança próxima com encontros frequentes das pessoas, o que explica a estrutura coletiva observada na rotina das crianças conforme situamos adiante.

1. 1 - Corpos e corpos lúdicos

O corpo vivencia emoções, afetos, desejos, frustrações, alegrias também, o corpo estabelece conexão com o ambiente e com as pessoas ao redor. Segundo Bourdieu (1979), o corpo é o produto de uma história construída ao longo da trajetória, em que cada gesto contém

¹⁰ Caripi é nome de uma praia do município de Barcarena, bastante frequentada por moradores e pessoas de fora. Além disso, é um espaço ao ar livre que as crianças da redondeza gostam muito, devido a brincadeira o banho.

uma emoção e cada momento vivido constitui uma experiência única, assim o corpo, no ambiente, junto de afetos e demais sentimentos e emoções se entrelaça nesse todo integralmente.

Corpo é morada, é um território de memórias, cheio de histórias, experiências, afetos. É por meio do corpo que vivemos, aprendemos, nós transformamos e escrevemos história. Nesse sentido, Bourdieu (2003, p. 92) enfatiza que “[...] o corpo, esse operador prático, ativo e passivo, é o lugar da inscrição de história, que ele transforma a natureza”, corrobora essa ideia com o corpo na história por meio do tempo e da cultura, da experiência social.

Nesta perspectiva, a criança com um corpo quilombola brinca, experimenta e vive seu encontro consigo mesma, com o aprender, com o conectar-se com o universo, o que para Alves (2002) resulta na construção de um corpo lúdico.

E quando falamos desse corpo lúdico, não fica de fora uma relação de bem viver dentro da comunidade, devido todo cenário brincante e recreativo das crianças.

Corpo lúdico se construindo sujeito/sujeita quilombola, associado com a natureza e em relação entre sujeitos por meio de um modo de vida que valoriza o bem viver. Já que o bem viver tem suas raízes na coletividade, exploração e valorização da natureza e na construção de uma identidade social, conforme assinala Acosta (2016). Para o autor, “bem viver é uma prática de resistência, é ainda um modo de vida em várias comunidades indígenas que não foram totalmente absorvidas pela modernidade ou que resolveram manter-se a margem dela” (p. 70). Ainda, o bem viver “é um legado dos povos andinos, refletido em suas práticas cotidianas e em sua sabedoria prática” (p.73).

Ou seja, bem viver é um modo de vida carregado de histórias e de valorização da própria identidade de grupo, e no caso do grupo remanescente do quilombo e desde a produção infantil das crianças, foi possível perceber um tipo de bem viver presente na comunidade.

Por isso, costumeiramente, eles/elas pegam uma árvore e transformam em alguma coisa para brincar ou utilizam-se do chão cheio de lama para a diversão dos seus corpos.

Bem viver no território do ramal Bom Jesus é demonstrado, entre outros aspectos, pela resistência das crianças em potencializar a força convivente com o território e, também, com os desafios diários, como a falta de saneamento, de escolas e da Unidade Básica de Saúde.

Na imagem 18, mais um registro fotográfico da pesquisa retratando a convivência no ambiente.

Imagem 18: Crianças em roda de conversa. **Fonte:** Milena Moreira, 2025.



O sorriso da menina durante a roda de conversa revela um pouco da convivência harmoniosa e de bem viver entre pares, que foi também de escuta e de compartilhamento com a pesquisadora-vizinha. Nesse momento do registro, o questionamento envolvia brincar sozinho ou em grupo, saindo as seguintes afirmativas: *em grupo* (Kaleb, 09 anos); *porque sozinho não tem graça* (Lana, 11 anos) e *a gente fica chateada* (Maria, 08 anos). Como se observa, a força convivente prefere brincar em grupo.

Vemos que as crianças vivenciam seus corpos em movimentos lúdicos e com interação. Vivenciam seus corpos lúdicos partindo da força do quilombo em termos de coletividade, cooperação e de uma relação imbricada com a natureza, com a vizinhança e entre pares.

Precisamente essa forma de conexão com a natureza está bastante presente, seus corpos se sentam na terra, correm descalços nos quintais e no ramal, sobem em árvores, pulam de galhos nos campos e nas matas etc. Com os dados das observações, foi possível identificar que o bem viver está relacionado às tradições e com os espaços naturais/sociais.

Todo esse processo reflete uma identidade quilombola ligada as raízes ancestrais, corpóreas, recreativas, coletivizadas e é por meio dessas relações que vivem, compartilham experiências e qualificam o viver no quilombo. A próxima fotografia é do retiro ainda presente na comunidade.

Imagem 19: Retiro de farinha. **Fonte:** Milena Moreira, 2025.



O retiro de farinha constitui-se um espaço que integra a tradição local, presente na comunidade e em muitas outras do Pará. A tradição, nesse caso, diz respeito constituir um espaço que guarda memória, vida produtiva, trabalho coletivo, de forte ligação com os saberes ancestrais e de produção da farinha ainda presente. Nele, esta prática de fazer farinha vem se perpetuando desde os primeiros moradores daqui, evidenciando um costume do quilombo e uma forma de vida ligada à terra. Nesse espaço, a mandioca é triturada, colocada no tipiti para extrair o tucupi e a goma da tapioca. Em seguida, a massa é colocada em uma bacia grande para colocar a massa, onde é torrada até alcançar o produto: a farinha.

Esta casa de farinha foi registrada por Thalita conforme mencionado antes. Tal escolha nos fez pensar o quanto o espaço da rua é extensivo a outros espaços de preferência, como casa de fazer farinha, que teve nexos com a produção de sua mãe e, certamente tem com o saber, a produção local, a alimentação entre outros.

Vale ressaltar que no estado do Pará, existe concretamente uma cultura de produção da farinha e de consumo, advinda de raízes da tradição de indígenas e, também potencializada por negros. A tradição da farinha tem história e memória, ou seja, o estado é guardião desse saber, e sua produção está diretamente ligada à cultura e a identidade desses povos.

Castro (2008), frisa que fazer farinha é, para muitas comunidades tradicionais da Amazônia, a reafirmação de práticas ancestrais, de valores culturais e de modos de vida que resistem às lógicas de mercado. São práticas que foram repassadas aos avós e desses aos pais, e os pais estão repassando para as crianças.

Produção, saberes, transmissão de costumes e tradições, organização do quilombo, histórias contadas, usos e cuidados com o território, todos esses são enredam os corpos, cujas

expressões estiveram associadas e muito mais ao espaço da rua, em práticas de brincadeiras e de interações presente no quilombo do Cupuaçu. Nesse território, o corpo se territorializa com o todo dos espaços e com conviveres, brincar e interagires pelas crianças, e assim tornam-se corpos brinquedos e lúdicos. Corpos lúdicos, como vivência favorecedora de vínculos, de encontros frutíferos porque espriam-se sorrisos, cumprimentos, abraços e pelas relações que se estabelecem, o central é o ciclo da vida.

Foi o observamos, ciclo de bem viver resistente, experiente com a natureza do território e de descobertas feitas pelas crianças. Dessa maneira, aprendem do bem viver e de um processo identitário em permanente devir, que passa pela dimensão do corpo lúdico infantil.

1. 2 - Corpos Lúdicos

Os corpos lúdicos das crianças estiveram presentes no quilombo, seja pela participação em atividade familiar ou nas brincadeiras/brinquedos que inventam, repetem e animam seu viver. Os corpos lúdicos estão integrados e presentes no ambiente local, cultural, brincante, por isso legitima-se neste trabalho corpo lúdico vivido no território do quilombo do Cupuaçu. Para Alves (2002, p. 67) “corpo lúdico é a instância do brincar, é aquele que tem curiosidade e que experimenta o mundo, é aquele que sente a felicidade ao brincar, cria brincadeiras, e histórias felizes da infância e se comunica por meio dos movimentos e das brincadeiras”. Assim, para a autora esse corpo se conecta com a natureza como momentos que proporcionam ricos de interações para criança.

Bourdieu (2007) não aborda o corpo lúdico, mas enfatiza a compreensão do corpo como um corpo social, construído a partir das relações sociais com as quais se insere. O corpo é simbólico, funcionando como um espaço de produção de identidade, sendo construída e reconhecida. No caso em estudo, trata-se de um corpo lúdico porque brinca pela cultura e nas interações sociais que estabelece em determinado contexto, por isso, mistura-se em relações sociais também, da ordem dos valores, normas e significados compartilhados naquele meio social.

Corpos lúdicos porque encantam, narram, sorriem, divertem-se e sentem o quilombo, desfrutando da liberdade proporcionada pela natureza, e assim o percebem: *a gente gosta muito de brincar na natureza* (Lana, 12 anos); *a gente tem contato com a natureza* (Leandra, 09 anos).

Os corpos lúdicos porque são flexíveis, estão em movimentos de abaixar, levantar, correr, pedalar, subir, gritar, e nesse movimento se abraçam, se juntam, conversam, sobretudo,

se afeiçoam compartilhando entre si e, desde o território momentos prazerosos, conforme vemos nas fotografias que seguem

Imagens 20 a 23: Momentos de corpos lúdicos. **Fonte:** Milena Moreira, 2025.



As fotografias foram registradas durante momentos lúdicos das crianças, que rodeia o brincar e a conexão dos corpos, em abraços, sorrisos trocas com o ambiente como o chão da terra, mas também por meio de gestos e falas. São momentos em que os corpos vivem seu desenvolvimento individual/social. São momentos de corpos lúdicos no contexto do ramal.

São corpos que interagem como já dito. São corpos ávidos por bem viver, desejanter de brincar e ludibriar em momentos espontâneos e alegres. Nesse ponto, Alves (2002, p. 130) afirma que o aspecto lúdico do corpo representa “brinquedo, brincadeira e festa”, na medida em que a corporalidade permite as pessoas vivenciarem bons momentos dentro de um contexto lúdico e brincante, recreativo e divertido, humanizante.

A rua/ramal do quilombo Cupuaçu, configura-se assim um espaço fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, especialmente por meio da brincadeira, entretenimento comunal, prática corporal num contínuo passeio aprendente pelos diversos espaços do território

como o da *fazição* da farinha. Ao transitar no ramal, nos quintais da vizinhança, ou no caminho até à escola, esses corpos lúdicos das crianças do quilombo ampliam significativamente seus repertórios de experiências socioculturais e de autoidentificação como sujeito quilombola. É o que buscamos mostrar com a fotografia 24, em que meninos e meninas caminhando no ramal, vivem fortes descobertas.

Imagem 24: Meninos e meninas caminhando no ramal. **Fonte:** Milena Moreira, 2025.



São corpos lúdicos movimentando-se em partilha de vida, e nessa direção a vivência de brincadeiras ou simplesmente modos de interagir conduzem à exploração do espaço, do tempo, de uma amizade ou conversa. Nessa direção também vivenciam com intensidade esse tempo de ludicidade tão preciso e necessário à saúde mental, corporal, a dimensão socializadora e de desenvolvimento infantil pela brincadeira e interação, e por isso apreciam esses momentos. *Quando a gente está sem fazer nada, a gente gosta de ir para o quintal ou para a frente de casa* (Vitoria, 11 anos).

Vemos que as preferências das crianças são para os espaços abertos e ao ar livre. Que brincar no ramal relaciona-se também com o território e o ambiente familiar, no qual elas se sentem à vontade para explorar livremente a natureza e as pessoas da vizinhança, justamente porque convivem e se sentem pertencentes aquele território.

Imagens 25 a 28: Corpos Lúdicos no ramal. Fonte: Milena Moreira, 2025.



De igual modo, o espaço do ramal não serve apenas de trânsito, mas é também espaço de a criança viver momentos lúdicos, em protagonismo e (re)criação de brincadeiras. Para ilustrar, a foto 29 de crianças andando de bicicleta.

Imagem 29: Corpos brincando de corrida de bicicleta. **Fonte:** Milena Moreira, 2025.



Ou

seja, o ramal é espaço de circulação e da rotina diária das crianças. Nesse espaço constroem suas experiências, entrelaçadas com o ambiente e suas produções em infâncias, por isso os desenhos de como percebem esse espaço.

Desenhos 2 a 5: O ramal na percepção das crianças. **Fonte:** Milena Moreira, 2025.



Nos desenhos constam percepções das crianças sobre o ramal/rua. Neles, situam o ambiente brincante e com elementos da natureza como a árvore e a terra. Seus corpos se sujam, nos buracos, movimentam-se com animais como o cachorro, tudo comporta o dia a dia.

CAPÍTULO II

APRENDENDO BEM VIVER E DO PROCESSO IDENTITÁRIO POR BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES

Pode-se dizer que o bem viver pulsa nos corpos lúdicos das crianças bem como pulsa a necessidade de direitos sociais, perpassando pela saúde, lazer e educação, negados ou insuficientes a esses grupos. Ainda assim, as crianças manifestam-se resilientes e ativas, construindo e reconstruindo continuamente suas produções infantis nesta sociedade e na comunidade em que vive. Nesse sentido, Acosta (2016) destaca que o bem viver “são ideias ressurgidas de povos tradicionalmente marginalizados, excluídos e explorados” (p. 70).

No bem viver das crianças são ressoantes suas identidades, mesmo também às sombras de direitos. As adversidades não as silenciam nem as mantêm entre paredes; ao contrário, seus corpos partem de suas moradas e se lançam ao ramal, aos quintais, à natureza amazônica, e nesses espaços vivem, brincam, correm, interagem, brigam, conversam, compartilham, criam e mantêm vivos os costumes ancestrais de seu povo. Nesse sentido, Acosta enfatiza “o bem viver resgata as tradições e culturas dos povos, sua sabedoria, suas formas de organização e convivência, onde a vida em comunidade e o respeito a natureza ocupam lugar central” (2016, p. 39).

Nesses termos, o bem viver do mundo infantil da comunidade quilombola do Cupuaçu é presente no cotidiano das crianças, sendo vivido em meio a camaradagens, histórias e saberes compartilhados, bem como a relação de parentesco e de vizinhança.

Desta forma, o bem viver das crianças é destemido, de brilho nos olhos e de riso fácil, de luta para chegar na escola que fica noutra localidade, pois o que pulsa é a força de uma infância que resiste, por isso a criançada inventa caminhos, se aninha em árvores, observa os pássaros, apreciam o cotidiano do território de liberdade e de corpos lúdicos em devir sempre. Gostamos de *escalar nas árvores, colocando uns panos nos pés, e sobe* (Noemy, 08 anos), conforme consta na imagem 30.

Imagem 30: Crianças no ingazeiro. **Fonte:** Milena Moreira, 2025.



Esse tipo de bem viver alimenta uma atitude resiliente diante das adversidades e também contribui para formação identitária, porque move em direção ao modo de vida e do território onde moro, ali existo também.

São formas de viver que se entremeiam ao brincar na chuva, sentar-se no chão, na lama ou barro, subir nas árvores, apanhar frutas da mangueira, jambeiro, ingazeiro, goiabeira.

Trata-se de um bem viver lúdico praticado diariamente, e interrompido pelas vozes das mães ao anoitecer, chamando-as de volta para casa. Nas imagens abaixo, um pouco mais de corpos brincando e em estado de bem viver e liberdade.

Imagens 31 e 32: Crianças brincando de futebol e queimada. **Fonte:** Milena Moreira, 2025.



Nesse sentido, a entrevistada diz que *se deixar eles ficam o dia todo andando para frente e para trás no ramal*. Para ela, *a interação acontece com brincadeiras, com movimento das pessoas à tarde* (Thais, 29 anos). Em campo, pode-se constatar o encantamento das crianças pelo ramal, em seus momentos únicos e significativos mostrados aqui.

Vale a ressalva que em se tratando de brincar e interagir nesses espaços contam também com a participação de adultos, seus parentes diretos. *A nossa mãe e nosso pai* (Lana, 12 anos); *ossos avós* (Leandra, 10 anos) *ossos pais ensinaram a gente as brincadeiras* (Maria, 08 anos); *nossa mãe e nosso pai falava das brincadeiras* (Kaleb, 09 anos). São falas que evidenciam a transmissão do brincar tradicional do quilombo, e ainda presente na prática das crianças. Também, funciona como continuidade do ancestral e que ajuda no reconhecimento como membros pertencente à essa comunidade, já que são brincadeiras antigas, vividas pelos moradores de mais idade.

No caso, as brincadeiras têm raízes dos povos tradicionais, é o caso de queimada; cinco pedras e até mesmo o futebol, presente nas práticas lúdicas e na identidade desses sujeitos, que guardam no coração, boas lembranças do seu tempo brincante e são transmitidas às crianças. O quadro 1 são apresentadas algumas brincadeiras e interações realizadas por elas, com destaque as que elas mais brincam, as preferidas e os espaços onde as realizam dia a dia.

Quadro 1- Brincadeiras das crianças no quilombo

Brincadeiras presente no quilombo	Brincadeiras mais praticadas
Bandeirinha Balanço Cinco Pedra/ Manchete Corrida de bike Cabo de guerra Escalada na árvore Pipa Cabo de guerra Pipa Polícia ladrão <i>Pira pega</i> <i>Pata cega</i> <i>Pira fruta</i> <i>Pula corda</i> Peteca Taco	Corrida de bike Futebol Manchete
	Brincadeiras preferidas
	Escalar na árvore Manchete Polícia e ladrão Pira pega
	Outros espaços e modos de brincar
	<i>A gente brinca aqui no ramal</i> (Kaleb, 09 anos) <i>Amo brincar de bicicleta</i> (Noemy, 08 anos) <i>Gosto de brincar nas árvores</i> (Maria, 08 anos). <i>A gente brinca de várias coisas</i> (Leandra, 09 anos)

Fonte: Trabalho de campo, 2024-2025.

Mas, afinal, quais são as práticas corpóreas lúdicas das crianças? Em relação as atividades lúdicas desenvolvidas pelas crianças, observou-se que, embora tenham acesso a brinquedos industrializados como: carrinhos de controle remoto, bonecas, pingue pongue, armas de brinquedos e jogos no celulares, é o contato com o meio natural que se mostra mais

presente e significativo em seu cotidiano e eles relataram que as práticas corpóreas lúdicas desenvolvidas por elas são: *eu gosto de pira-fruta (Maria) brincadeira de aventura, aventura de escalar nas arvores, queimada e andar de bike (Noemy) eu brinco de pira pega, escalagem, de bicicleta (Vitoria); eu gosto de pira pega (Lana); eu gosto de pipa (Matheus) eu gosto de pata-cega (Kaleb); polícia e ladrão (Henrique) eu gosto de manchete (Thalita)*

Entre as brincadeiras que enchem os dias de movimento e alegria, como a queimada, o futebol, a peteca, a corrida de bicicleta, escalar nas árvores, brincar de balanço, há, no entanto, uma que todos gostam de brincar e foi colocada com a preferida deles: a manchete¹¹/cinco pedras. Como disseram: *eu gosto mais de manchete (Lana, 12 anos); eu gosto de manchete (Kaleb, 09 anos); eu também gosto mais da de manchete (Maria, 08 anos)*. Além disso, foi fotografado o exato momento que eles estavam brincando, e cada um realizou um desenho da brincadeira que eles mais gostam de brincar no ramal.

Imagens 33 a 35: Crianças brincando de manchete. Fonte: Milena Moreira, 2025.

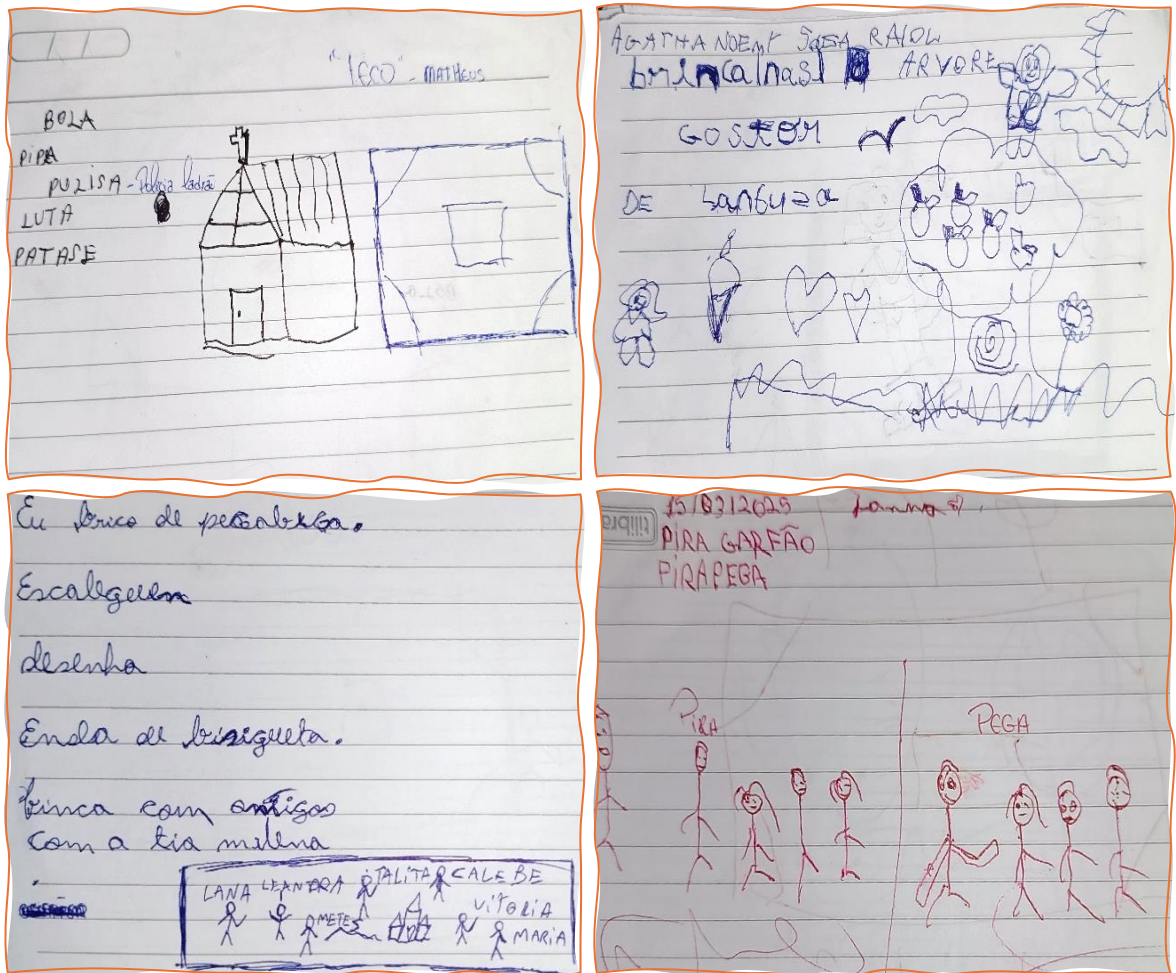


É nesse movimento de braços e bola ao ar que elas se encontram com mais entusiasmo, correndo juntas, celebrando cada lance. Nos relatos, é a preferida, porque ali na manchete, o corpo ganha leveza e a infância se expressa em sua forma mais livre e vibrante.

Abaixo mais produções que tematizam o lúdico das crianças em formato de desenhos.

¹¹ Manchete começa assim: as crianças desenham um quadrado médio no chão de terra, e no centro deste elas empilham cinco pedrinhas, uma em cima da outra montando uma torre e em pé. Uma das crianças pega a bola e, mira nas pedras, com o objetivo de derrubá-las numa única jogada. Com a queda das pedras no chão, todas gritam: manchete e correm em busca de pegar a bola e tenta acertar nos colegas. Os demais participantes da brincadeira correm tentando se desviar e escapar da bola. O participante que for atingido sai da rodada ou passa a vez, dependendo das regras combinadas entre si e, assim, a brincadeira continua passando entre os participantes até que fique apenas uma criança, a vencedora.

Desenhos 6 a 9: Sobre brincadeiras preferidas das crianças. **Fonte:** Milena Moreira, 2025.



As crianças são seres criativos e que quando o assunto é brincar elas não costumam seguir regras pré-estabelecidas, e constatei isso a partir do corpo que a todo momento busca interagir com o ambiente, com pessoas e demais seres. Como diz Alves (2002) “O corpo infantil experimenta várias maneiras para deslocar-se no espaço, andando em todas as direções, de costas, de lado [...]”.

Portanto, vivem sim, em plena interação de seus corpos lúdicos brincantes, em que a simplicidade se encontra com a magia, com a curiosidade e com o inusitado. São corpos movimentando-se com e junto de gestos, na maresia do tempo, da chuva, do vento, na lama entre outros, e que no próximo conjunto de fotografias dizem de seus corpos-lúdicos em infâncias pulsando de uma forma livre.

Imagens 36 a 43: Retrato de corpos lúdicos brincantes no ramal do Bom Jesus. **Fonte:** Milena Moreira, 2025.





Essas fotografias, mais uma vez, evidenciam o corpo que brinca, que inventa, que toca, que protagoniza, que corre e explora o ambiente. São momentos que permanecerão ativando a memória de um corpo vivo e com uma infância presente na vida adulta e necessária ao bem viver.

São corpos desejanter de viver, passando por degustar frutas regionais como manga, goiaba, jambo e pupunha, por brincar com os passarinhos que rodeiam as casas com seus cantos, pelas constantes idas à praia do caripi, ao rio Arrozal.

Durante as observações, ficou claro que os corpos dialogam com o quilombo por meio da brincadeira, pois configura-se uma forma de relacionamento e aprendizado, de sentir o quilombo. O que as crianças mais gostam de fazer no ramal é *brincar*, ou seja, seus corpos

lúdicos se comunicam o tempo todo com o quilombo. Esses corpos constroem laços com ele, de amizade, respeito e conexão com seus elementos: água, terra, mata, ar, além dos demais recursos existentes como a chuva, o sol, os bichos. Florestan (2000) já descrevia esses fenômenos em seu artigo “As Trocinhas do Bom Retiro”, em que a infância se torna modo de conexão e de identificação.

E não é só entre sujeitos e espaços, mas seus corpos lúdicos movimentam-se na direção do que nos antecede, dos mais velhos em sabedoria e experiência. *A gente conhece todo mundo e quando a gente se encontra a gente faz uuuhh* (Lana, 12 anos) contando-nos com alegria esses reencontros cotidianos; *a gente conhece todo mundo aqui do ramal* (Thalita, 08 anos) reforça uma outra menina.

E para os mais velhos viver comunitariamente é se ajudar, o que segundo Castro (2019) é uma relação entre vizinhos, conhecidos e parentes de experiência da partilha dos espaços e das práticas comunitárias, dessa forma esse vínculo permite que as crianças também aprendam e se constituam como seres grupais, profundamente ligados ao coletivo e ao território desse grupo étnico. E a ideia de coletividade e criança, foi percebido entre elas e por elas também, assim comentam: *em grupo porque sozinho não tem graça* (Lana, 12 anos); *em grupo e é tipo assim, a gente espera a nossa vez, primeiro vem os menores, eu sou a penúltima porque tenho 11 anos, a Lana é a última porque tem 12 anos* (Vitoria, 11 anos); *em grupo porque é mais divertido* (Noemy, 08 anos).

Castro (2008, p. 21) enfatiza que as comunidades quilombolas não são locais sem histórias e produções, mas “o território é mais do que um espaço físico delimitado; é um espaço de relações sociais, culturais e simbólicas onde se produz a identidade dos sujeitos”. E vimos como ações recreativas e de processos educativos importantes para a construção da identidade, além de transmitirem saberes, como relatou a menina: *a gente planta com o papai, ele tem uma plantação lá em casa e a gente também faz farinha com ele. Tia, meus avós eram índios e moravam aqui antigamente e eles também faziam farinha* (Lana, 12 anos). As próximas imagens, mais uma vez, enfatizam o dia a dia delas em atividades junto de adultos. Por exemplo, são momentos que as crianças estavam na companhia do Seu Manoel Moreira e da Dona Rosa Moraes, pais da autora da pesquisa, que estavam no retiro de farinha descascando mandioca. O retiro fica ao lado da casa deles, e é comum as crianças irem até o local e ficam observando, conversando, mexendo e, algumas, pedem para ajudar na tarefa que estão realizando.

Imagem 44 a 47: Crianças no retiro de farinha. Fonte: Milena Moreira, 2025.



Como frisado antes, são formas que contribuí, significativamente, para o fortalecimento do sentimento de pertencimento, pela condução dos pais e/na transmissão aos filhos sobre contextos e práticas de fazer farinha, nas plantações etc. Mistura-se trabalho e brincar, formando prática de resistência e de valorização do território, logo, reafirma-se o processo identitário de crianças quilombolas. A imagem 43 são de crianças em conexão com o contexto do quilombo.

Imagem 43: Interação vivenciadas através da brincadeira. **Fonte:** Milena Moreira, 2025.



Trata-se de crianças em construção de sua condição individual e social, mediada pelo brincar. Segundo Alves (2006, p.131) esse processo constitui “uma vivência essencial na vida infantil, na medida que ela interfere na construção da identidade”, pois possibilita a criança se reconhecer como ser social, participativa e com capacidades.

Sobre ser quilombola as crianças responderam assim: *eu gosto daqui e me identifico* (Leandra, 09 anos); *sim, eu me identifico* (Lana, 12 anos). *Porque eu gosto do espaço, das árvores e do ramal* (Thalita, 07 anos); *porque a gente gosta de se lambuzar na lama* (Vitoria, 11 anos); *porque gosto da natureza e tem um espaço grandão* (Noemy, 08 anos).

Acevedo (2009) argumenta que a constituição identitária de grupos étnicos como o do quilombo Cupuaçu, está profundamente enraizada em diferentes momentos e contextos históricos, destacando-se, entre esses, a busca consciente por identidade e pertencimento no contexto comunitário. Nesse sentido, as crianças, de forma ativa e interativa, demonstram desejo de pertencer a comunidade quando expressam como se reconhecem parte integrante do lugar, nos seguintes termos: *porque eu gosto do espaço, das árvores e do ramal* (Thalita, 07 anos); *porque eu adoro morar aqui e brinco com meus amigos aqui na frente de casa* (Maria, 08 anos); *é por causa que a gente gosta de fazer farinha e porque a gente tem contato com a natureza* (Leandra, 10 anos); *eu acho que é porque a gente faz coisas na terra e descasca mandioca na sua casa* (Matheus, 09 anos); *é porque a gente mora num* (Lana, 12 anos). Esta última criança parece não completar sua resposta, mas o fez utilizando do gesto de cabeça, meio que incitando que a pesquisadora-moradora sabe da resposta (que moramos num quilombo), porque mora no território. Ou seja, a criança sabe, entende, reflete o contexto vivido e das coisas ao seu redor.

As crianças mostraram todo um processo endoeducativo que acontece no cotidiano, que perpassa as ações brincantes, a cultura corporal e os ensaios de pertencimento e reconhecimento quanto ao território e ser quilombola. Logo, suas formas de viver no quilombo se estabelecem desde seus corpos lúdicos nos espaços do território e nos modos de existir e conviver.

Nesse sentido, bem viver e formação identitária são processos de aprendizados intergeracionais, adquiridos por meio de atividades coletivas que envolvem a interação entre crianças e com adultos, configuram-se, portanto, em atos de afirmação cultural. Conforme destacado por Castro (2008), torna-se evidente a importância dos saberes compartilhados e das práticas comunitárias na reprodução da vida nos territórios nesse processo.

Assim, as interações e as brincadeiras praticadas no quilombo e que integram a vivência cotidiana das crianças são ações de bem viver e a favor da formação identitária. Ao mesmo tempo, entre o que permanece e o que se transforma, as crianças constroem produções próprias e entremeadas pelo que captam dos costumes, tradições, modos de viver. Acevedo (2010) relata que as memórias e experiências alimentam um sentimento de pertencimento comunitário e central na formação das identidades.

CONSIDERAÇÕES INCONCLUSAS

Este estudo objetivou estudar o corpo lúdico em experiência de sujeitos e no contexto quilombola. Nesse sentido, vimos que as crianças criam e vivenciam experiências cotidianas, sendo sujeitos vinculados a espaços significativos, nos quais constroem dia a dia suas identidades quilombolas.

Foi observado que, mesmo diante da negação de direitos nos aspectos de saúde e educação, continuam resistindo com bem viver e um brincar decorrente de sua ancestralidade.

O bem viver é evidenciado pelas relações estabelecidas com o ambiente, adultos e crianças, com demais seres e a cultura quilombola presente no quilombo Cupuaçu, e o fazem ocupando as ruas e demais espaços do território e, assim, afirmam sua presença, assim integram-se à história e a produção de vida na comunidade. Essa participação ocorre por meio da expressão dos próprios corpos como delineado por meio dos desenhos, das falas e das fotografias, evidenciando o corpo em movimento de correr, pular, saltar, sorrir, chamar, degustar, sentir a terra e demais elementos da natureza ou de andar em grupo no ramal.

O processo de identificação de criança quilombola foi evidenciado, especialmente quando participam de atividades relacionadas às práticas ancestrais como o preparo da farinha, as brincadeiras antigas, a camaradagem no e a partir dos grupos coletivos, o cultivo da terra, entre outros aspectos. Esses momentos são lúdicos e também de fortalecimento de laços comunitários e da identidade cultural da infância vivida.

Seus corpos lúdicos são instantes de alegria, prazer e ócio, são construções de memórias infantis, isso porque nesses instantes vivem plenamente como sujeitos em liberdade e ativos. Seu corpo se torna, então, encontro com o bem viver e com a construção identitária, em conexão com o território do ramal Bom Jesus.

O estudo se conecta com a formação na pedagogia, devido tratar da criança como sujeito ativo na construção de sua história, da sua produção de cultura infantil e social. Durante a graduação, foi enfatizado que a criança é um sujeito de direitos e, ao realizar esta pesquisa, pude constatar isso, pelo exercício desses sujeitos no âmbito do protagonismo e como aprendizes e mestres de saberes do contexto em que vivem. Ademais, a pesquisa reforçou elementos essenciais da formação pedagógica ao destacar uma educação como prática cultural, em que a aprendizagem se vincula a própria existência e a sua identidade.

Pude aprender o quanto o corpo é histórico e socialmente construído, para além de mero instrumento. Esse corpo atua na constituição identitária e se apresenta como uma linguagem, uma vez que a criança aprende por meio dele. Ademais, a pedagogia da infância pressupõe um

processo lúdico, de corpos em ações de bem viver, que brinca e constrói práticas corporais significativas.

Porém, embora tantos aprendizados e resultados aqui trazidos, percebemos que esta é apenas uma etapa, porque vemos que essa categoria corpos lúdicos é complexa, logo, este estudo também se faz inconclusivo, no sentido de maiores aprofundamentos e de partilhas junto dos corpos das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Vania de Fátima Noronha. **Corpo, Natureza e jogo: a criança e o espaço externo da educação infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth. **Quilombolas: identidade étnica e territorialidade**. Belém: EDUFPA, 2009.

ACOSTA, Alberto. **O Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagem como evidência histórica**. Tradução de Vera Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 1, 2007. DOI: 10.5216/sec.v10i1.1719. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1719>. Acesso em: 17 de outubro de 2024.

CASTRO, Edna. O território e o lugar: a produção da territorialidade e de identidade. *In*: ARAGON, Luís E. et al. **Transformações sociais e identidades coletivas na Amazonia**. Belém: NAEA/FPA, 2008.

CASTRO, Edna. **Sociedade, território e identidades coletivas**. Belém: EDUFPA, 2005.

FERNANDES, Florestan. *As “Trocinhas” do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura infantil*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.


FASE - Federação de órgãos para assistência social e educacional. **EXISTIMOS: a resistência das comunidades em Barcarena (PA) frente a invisibilidade imposta pela mineração e o poder público**. Belém: FASE Amazonia, 2022. Disponível em: <https://fase.org.br/pt/acervo/publicacoes/existimos/>. Acesso em 15 jul.2025.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n 49, p. 11-29, jun. 2002.

SILVA, José Carlos do Nascimento. **Educação e a construção do conhecimento: contribuições da abordagem simbólica**. São Paulo: Cortez, 2011.

ANEXOS

Termos de Consentimento Livre e Esclarecido


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA


Eu, KAL RA DIAS TAVARES, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Curso, intitulado: **Corpos lúdicos de crianças da comunidade Quilombola do Cupuaçu, Barcarena, Pará**, que tem como objetivo compreender o corpo lúdico na perspectiva do bem viver e da formação identitária das crianças da Comunidade quilombola do Cupuaçu; apresentando as práticas corpórea-lúdicas das crianças, articulando possíveis conexões e experiências das crianças com o contexto quilombola.

Sua participação por meio de entrevista, podendo ser gravada, para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação e o material da coleta da pesquisa ficaram em posse da pesquisadora para elaboração posterior do Trabalho acadêmico.

Afirmo que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que recebi todas as informações necessárias e que tive todas as minhas dúvidas esclarecidas. Diante disso, manifesto o meu consentimento de participar da pesquisa.

13 de Agosto 2025


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

Eu, ALLAN AZEVEDO MORAES, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Curso, intitulado: **Corpos lúdicos de crianças da comunidade Quilombola do Cupuaçu, Barcarena, Pará**, que tem como objetivo compreender o corpo lúdico na perspectiva do bem viver e da formação identitária das crianças da Comunidade quilombola do Cupuaçu; apresentando as práticas corpórea-lúdicas das crianças, articulando possíveis conexões e experiências das crianças com o contexto quilombola.

Sua participação por meio de entrevista, podendo ser gravada, para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação e o material da coleta da pesquisa ficaram em posse da pesquisadora para elaboração posterior do Trabalho acadêmico.

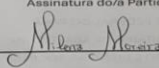
Afirmo que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que recebi todas as informações necessárias e que tive todas as minhas dúvidas esclarecidas. Diante disso, manifesto o meu consentimento de participar da pesquisa.

05 de Agosto 2025

KAL RA DIAS TAVARES / Kal Ra Dias

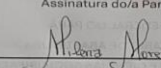
Assinatura do/a Participante/ Responsável




Assinatura da Pesquisadora

ALLAN AZEVEDO MORAES / Allan

Assinatura do/a Participante/ Responsável



Assinatura da Pesquisadora


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA


Eu, maria melano, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Curso, intitulado: **Corpos lúdicos de crianças da comunidade Quilombola do Cupuaçu, Barcarena, Pará**, que tem como objetivo compreender o corpo lúdico na perspectiva do bem viver e da formação identitária das crianças da Comunidade quilombola do Cupuaçu; apresentando as práticas corpórea-lúdicas das crianças, articulando possíveis conexões e experiências das crianças com o contexto quilombola.

Sua participação por meio de entrevista, podendo ser gravada, para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação e o material da coleta da pesquisa ficaram em posse da pesquisadora para elaboração posterior do Trabalho acadêmico.

Afirmo que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que recebi todas as informações necessárias e que tive todas as minhas dúvidas esclarecidas. Diante disso, manifesto o meu consentimento de participar da pesquisa.

13 de Agosto 2025


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

Eu, maria vitória, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Curso, intitulado: **Corpos lúdicos de crianças da comunidade Quilombola do Cupuaçu, Barcarena, Pará**, que tem como objetivo compreender o corpo lúdico na perspectiva do bem viver e da formação identitária das crianças da Comunidade quilombola do Cupuaçu; apresentando as práticas corpórea-lúdicas das crianças, articulando possíveis conexões e experiências das crianças com o contexto quilombola.

Sua participação por meio de entrevista, podendo ser gravada, para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação e o material da coleta da pesquisa ficaram em posse da pesquisadora para elaboração posterior do Trabalho acadêmico.

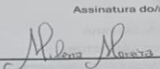
Afirmo que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que recebi todas as informações necessárias e que tive todas as minhas dúvidas esclarecidas. Diante disso, manifesto o meu consentimento de participar da pesquisa.

08 de Agosto 2025

maria / Brindes R. de Brito

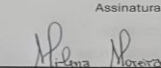
Assinatura do/a Participante/ Responsável




Assinatura da Pesquisadora

maria vitória / Tais Siqueira da Brito

Assinatura do/a Participante/ Responsável



Assinatura da Pesquisadora


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

Eu, Tavo Siqueira de Brito, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Curso, intitulado: **Corpos lúdicos de crianças da comunidade Quilombola do Cupuaçu, Barcarena, Pará**, que tem como objetivo compreender o corpo lúdico na perspectiva do bem viver e da formação identitária das crianças da Comunidade quilombola do Cupuaçu; apresentando as práticas corpórea-lúdicas das crianças, articulando possíveis conexões e experiências das crianças com o contexto quilombola.

Sua participação por meio de entrevista, podendo ser gravada, para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação e o material da coleta da pesquisa ficaram em posse da pesquisadora para elaboração posterior do Trabalho acadêmico.


Afirmo que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que recebi todas as informações necessárias e que tive todas as minhas dúvidas esclarecidas. Diante disso, manifesto o meu consentimento de participar da pesquisa.

08 de Agosto 2025

Tavo Siqueira de Brito
Assinatura do/a Participante/ Responsável

Milena Moura
Assinatura da Pesquisadora


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

Eu, Deborahemy Lima, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Curso, intitulado: **Corpos lúdicos de crianças da comunidade Quilombola do Cupuaçu, Barcarena, Pará**, que tem como objetivo compreender o corpo lúdico na perspectiva do bem viver e da formação identitária das crianças da Comunidade quilombola do Cupuaçu; apresentando as práticas corpórea-lúdicas das crianças, articulando possíveis conexões e experiências das crianças com o contexto quilombola.

Sua participação por meio de entrevista, podendo ser gravada, para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação e o material da coleta da pesquisa ficaram em posse da pesquisadora para elaboração posterior do Trabalho acadêmico.


Afirmo que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que recebi todas as informações necessárias e que tive todas as minhas dúvidas esclarecidas. Diante disso, manifesto o meu consentimento de participar da pesquisa.

05 de Agosto 2025

Deborahemy Lima / Maria de Nazare R. de Sousa
Assinatura do/a Participante/ Responsável

Milena Moura
Assinatura da Pesquisadora


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

Eu, Penelty Silveira Souza da Silva, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Curso, intitulado: **Corpos lúdicos de crianças da comunidade Quilombola do Cupuaçu, Barcarena, Pará**, que tem como objetivo compreender o corpo lúdico na perspectiva do bem viver e da formação identitária das crianças da Comunidade quilombola do Cupuaçu; apresentando as práticas corpórea-lúdicas das crianças, articulando possíveis conexões e experiências das crianças com o contexto quilombola.

Sua participação por meio de entrevista, podendo ser gravada, para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação e o material da coleta da pesquisa ficaram em posse da pesquisadora para elaboração posterior do Trabalho acadêmico.


Afirmo que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que recebi todas as informações necessárias e que tive todas as minhas dúvidas esclarecidas. Diante disso, manifesto o meu consentimento de participar da pesquisa.

31 de Agosto 2025

Penelty Silveira Souza da Silva / Maria de Nazare R. de Sousa
Assinatura do/a Participante/ Responsável

Milena Moura
Assinatura da Pesquisadora


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

Eu, Samara dos Santos Tavares, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Curso, intitulado: **Corpos lúdicos de crianças da comunidade Quilombola do Cupuaçu, Barcarena, Pará**, que tem como objetivo compreender o corpo lúdico na perspectiva do bem viver e da formação identitária das crianças da Comunidade quilombola do Cupuaçu; apresentando as práticas corpórea-lúdicas das crianças, articulando possíveis conexões e experiências das crianças com o contexto quilombola.

Sua participação por meio de entrevista, podendo ser gravada, para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação e o material da coleta da pesquisa ficaram em posse da pesquisadora para elaboração posterior do Trabalho acadêmico.


Afirmo que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que recebi todas as informações necessárias e que tive todas as minhas dúvidas esclarecidas. Diante disso, manifesto o meu consentimento de participar da pesquisa.

13 de Agosto 2025

Samara dos Santos Tavares / Jailson Dias
Assinatura do/a Participante/ Responsável

Milena Moura
Assinatura da Pesquisadora


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA


Eu, Leonora, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Curso, intitulado: **Corpos lúdicos de crianças da comunidade Quilombola do Cupuaçu, Barcarena, Pará**, que tem como objetivo compreender o corpo lúdico na perspectiva do bem viver e da formação identitária das crianças da Comunidade quilombola do Cupuaçu; apresentando as práticas corpórea-lúdicas das crianças, articulando possíveis conexões e experiências das crianças com o contexto quilombola.

Sua participação por meio de entrevista, podendo ser gravada, para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação e o material da coleta da pesquisa ficaram em posse da pesquisadora para elaboração posterior do Trabalho acadêmico.

Afirmo que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que recebi todas as informações necessárias e que tive todas as minhas dúvidas esclarecidas. Diante disso, manifesto o meu consentimento de participar da pesquisa.

13 de Agosto 2025


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

Eu, HENRIQUE, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Curso, intitulado: **Corpos lúdicos de crianças da comunidade Quilombola do Cupuaçu, Barcarena, Pará**, que tem como objetivo compreender o corpo lúdico na perspectiva do bem viver e da formação identitária das crianças da Comunidade quilombola do Cupuaçu; apresentando as práticas corpórea-lúdicas das crianças, articulando possíveis conexões e experiências das crianças com o contexto quilombola.

Sua participação por meio de entrevista, podendo ser gravada, para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação e o material da coleta da pesquisa ficaram em posse da pesquisadora para elaboração posterior do Trabalho acadêmico.

Afirmo que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que recebi todas as informações necessárias e que tive todas as minhas dúvidas esclarecidas. Diante disso, manifesto o meu consentimento de participar da pesquisa.

05 de Agosto 2025

Leonora / jardenezias

Assinatura do/a Participante/ Responsável

[Assinatura]


Assinatura da Pesquisadora

HENRIQUE / Henrique M. Moreira

Assinatura do/a Participante/ Responsável

[Assinatura]

Assinatura da Pesquisadora


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

Eu, MATEUS, estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Curso, intitulado: **Corpos lúdicos de crianças da comunidade Quilombola do Cupuaçu, Barcarena, Pará**, que tem como objetivo compreender o corpo lúdico na perspectiva do bem viver e da formação identitária das crianças da Comunidade quilombola do Cupuaçu; apresentando as práticas corpórea-lúdicas das crianças, articulando possíveis conexões e experiências das crianças com o contexto quilombola.

Sua participação por meio de entrevista, podendo ser gravada, para facilitar o registro das informações e que apenas os pesquisadores desta pesquisa terão acesso à gravação e o material da coleta da pesquisa ficaram em posse da pesquisadora para elaboração posterior do Trabalho acadêmico.

Afirmo que minha participação é livre, voluntária e espontânea.

Declaro que recebi todas as informações necessárias e que tive todas as minhas dúvidas esclarecidas. Diante disso, manifesto o meu consentimento de participar da pesquisa.

31 de Agosto 2025


[Assinatura]

Assinatura do/a Participante/ Responsável

[Assinatura]

Assinatura da Pesquisadora

Termos de autorização dos desenhos das crianças


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO


Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado, autorizo a autora **Milena Moraes Moreira**, a utilizar as fotografias e desenhos produzidos para a pesquisa, intitulada **Corpos lúdicos das crianças Quilombola da Comunidade do Cupuaçu, Barcarena, Pará**. Os desenhos e fotografias serão usadas na pesquisa. Como titular dos direitos patrimoniais de autora, a pesquisadora poderá dispor da obra livremente durante a pesquisa. Após assinatura desta autorização, não terei direito ou remuneração de qualquer natureza.

Adriano das Torres
Nome da Criança

Milena Moraes
Assinatura do responsável

Milena Moraes
Assinatura da pesquisadora

31/08/2025
Data


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO


Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado, autorizo a autora **Milena Moraes Moreira**, a utilizar as fotografias e desenhos produzidos para a pesquisa, intitulada **Corpos lúdicos das crianças Quilombola da Comunidade do Cupuaçu, Barcarena, Pará**. Os desenhos e fotografias serão usadas na pesquisa. Como titular dos direitos patrimoniais de autora, a pesquisadora poderá dispor da obra livremente durante a pesquisa. Após assinatura desta autorização, não terei direito ou remuneração de qualquer natureza.

Emelly Vitoria Souza da Silva
Nome da Criança

Maria de Nazari Rodrigues de Souza
Assinatura do responsável

Milena Moraes
Assinatura da pesquisadora

31/08/2025
Data


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO


Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado, autorizo a autora **Milena Moraes Moreira**, a utilizar as fotografias e desenhos produzidos para a pesquisa, intitulada **Corpos lúdicos das crianças Quilombola da Comunidade do Cupuaçu, Barcarena, Pará**. Os desenhos e fotografias serão usadas na pesquisa. Como titular dos direitos patrimoniais de autora, a pesquisadora poderá dispor da obra livremente durante a pesquisa. Após assinatura desta autorização, não terei direito ou remuneração de qualquer natureza.

MATHEUS
Nome da Criança

Flavio Siqueira de Melo da Cruz
Assinatura do responsável

Milena Moraes
Assinatura da pesquisadora

31/08/2025
Data


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO


Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado, autorizo a autora **Milena Moraes Moreira**, a utilizar as fotografias e desenhos produzidos para a pesquisa, intitulada **Corpos lúdicos das crianças Quilombola da Comunidade do Cupuaçu, Barcarena, Pará**. Os desenhos e fotografias serão usadas na pesquisa. Como titular dos direitos patrimoniais de autora, a pesquisadora poderá dispor da obra livremente durante a pesquisa. Após assinatura desta autorização, não terei direito ou remuneração de qualquer natureza.

Isadora Nelmy Souza
Nome da Criança

Maria de Nazari Rodrigues de Souza
Assinatura do responsável

Milena Moraes
Assinatura da pesquisadora

05/08/2025
Data


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO


Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado, autorizo a autora **Milena Moraes Moreira**, a utilizar as fotografias e desenhos produzidos para a pesquisa, intitulada **Corpos lúdicos das crianças Quilombola da Comunidade do Cupuaçu, Barcarena, Pará**. Os desenhos e fotografias serão usadas na pesquisa. Como titular dos direitos patrimoniais de autora, a pesquisadora poderá dispor da obra livremente durante a pesquisa. Após assinatura desta autorização, não terei direito ou remuneração de qualquer natureza.

MILENA MORAES
 Nome da Criança

Milena Moraes
 Assinatura do responsável

Milena Moraes
 Assinatura da pesquisadora

05/08/2025
 Data


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO


Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado, autorizo a autora **Milena Moraes Moreira**, a utilizar as fotografias e desenhos produzidos para a pesquisa, intitulada **Corpos lúdicos das crianças Quilombola da Comunidade do Cupuaçu, Barcarena, Pará**. Os desenhos e fotografias serão usadas na pesquisa. Como titular dos direitos patrimoniais de autora, a pesquisadora poderá dispor da obra livremente durante a pesquisa. Após assinatura desta autorização, não terei direito ou remuneração de qualquer natureza.

MILENA MORAES
 Nome da Criança

Milena M. Moraes
 Assinatura do responsável

Milena Moraes
 Assinatura da pesquisadora

05/08/2025
 Data


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO


Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado, autorizo a autora **Milena Moraes Moreira**, a utilizar as fotografias e desenhos produzidos para a pesquisa, intitulada **Corpos lúdicos das crianças Quilombola da Comunidade do Cupuaçu, Barcarena, Pará**. Os desenhos e fotografias serão usadas na pesquisa. Como titular dos direitos patrimoniais de autora, a pesquisadora poderá dispor da obra livremente durante a pesquisa. Após assinatura desta autorização, não terei direito ou remuneração de qualquer natureza.

FRALITA VITORIA
 Nome da Criança

João Siqueira de Brito
 Assinatura do responsável

Milena Moraes
 Assinatura da pesquisadora

08/08/2025
 Data


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO


Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado, autorizo a autora **Milena Moraes Moreira**, a utilizar as fotografias e desenhos produzidos para a pesquisa, intitulada **Corpos lúdicos das crianças Quilombola da Comunidade do Cupuaçu, Barcarena, Pará**. Os desenhos e fotografias serão usadas na pesquisa. Como titular dos direitos patrimoniais de autora, a pesquisadora poderá dispor da obra livremente durante a pesquisa. Após assinatura desta autorização, não terei direito ou remuneração de qualquer natureza.

maria
 Nome da Criança

Arcelinda R. de Brito
 Assinatura do responsável

Milena Moraes
 Assinatura da pesquisadora

13/08/2025
 Data


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO


Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado, autorizo a autora **Milena Moraes Moreira**, a utilizar as fotografias e desenhos produzidos para a pesquisa, intitulada **Corpos lúdicos das crianças Quilombola da Comunidade do Cupuaçu, Barcarena, Pará**. Os desenhos e fotografias serão usadas na pesquisa. Como titular dos direitos patrimoniais de autora, a pesquisadora poderá dispor da obra livremente durante a pesquisa. Após assinatura desta autorização, não terei direito ou remuneração de qualquer natureza.

Edson Dias Tavares
Nome da Criança

Milena Moraes
Assinatura do responsável

Milena Moraes
Assinatura da pesquisadora

13/08/2025
Data


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO


Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado, autorizo a autora **Milena Moraes Moreira**, a utilizar as fotografias e desenhos produzidos para a pesquisa, intitulada **Corpos lúdicos das crianças Quilombola da Comunidade do Cupuaçu, Barcarena, Pará**. Os desenhos e fotografias serão usadas na pesquisa. Como titular dos direitos patrimoniais de autora, a pesquisadora poderá dispor da obra livremente durante a pesquisa. Após assinatura desta autorização, não terei direito ou remuneração de qualquer natureza.

Amélia
Nome da Criança

Milena Moraes
Assinatura do responsável

Milena Moraes
Assinatura da pesquisadora

13/08/2025
Data


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO


Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado, autorizo a autora **Milena Moraes Moreira**, a utilizar as fotografias e desenhos produzidos para a pesquisa, intitulada **Corpos lúdicos das crianças Quilombola da Comunidade do Cupuaçu, Barcarena, Pará**. Os desenhos e fotografias serão usadas na pesquisa. Como titular dos direitos patrimoniais de autora, a pesquisadora poderá dispor da obra livremente durante a pesquisa. Após assinatura desta autorização, não terei direito ou remuneração de qualquer natureza.

KALEB DIAS TAVARES
Nome da Criança

Milena Moraes
Assinatura do responsável

Milena Moraes
Assinatura da pesquisadora

13/08/2025
Data


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS (FAECS)
 CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento eu, abaixo identificado, autorizo a autora **Milena Moraes Moreira**, a utilizar as fotografias e desenhos produzidos para a pesquisa, intitulada **Corpos lúdicos das crianças Quilombola da Comunidade do Cupuaçu, Barcarena, Pará**. Os desenhos e fotografias serão usadas na pesquisa. Como titular dos direitos patrimoniais de autora, a pesquisadora poderá dispor da obra livremente durante a pesquisa. Após assinatura desta autorização, não terei direito ou remuneração de qualquer natureza.

Amélia
Nome da Criança

Aracinda R. de Brito
Assinatura do responsável

Milena Moraes
Assinatura da pesquisadora

13/08/2025
Data